

PARKOUR E FREERUNING: A TENTATIVA DE ESPORTIVIZAÇÃO

Alexandre Francisco Lordêllo¹
Elson Moura Dias Júnior²
Márcia Morshbacher³

RESUMO

Este artigo parte da necessidade de apropriação e compreensão dos conhecimentos da Cultura Corporal, mais especificamente, acerca dos conhecimentos do Parkour e do Freeruning. Objetiva analisar estas práticas corporais do ponto de vista da tentativa de transformação em Esporte, evidenciando as razões e a quem essa serve. Abordaremos brevemente sobre a história do Parkour, o seu processo de expansão, os conceitos, a tentativa de esportivização, suas determinações e implicações no cotidiano das práticas corporais.

Palavras-chave: Cultura Corporal; Esporte; Parkour; Freeruning.

ABSTRACT

This article is part of the need for ownership of knowledge and understanding of Body Culture, more specifically, about the knowledge of Parkour and Freeruning. It aims to analyze these body practices from the standpoint of trying to transformation in sport, highlighting the reasons and to whom it serves. We will discuss briefly about the history of Parkour, its expansion process, the concepts, attempting to sportivization, determinations and their implications in daily bodily practices.

Keywords: Body Culture, Sports, Parkour, Freeruning.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo parte da necessidade de apropriação e compreensão dos conhecimentos da Cultura Corporal, mais especificamente, acerca dos conhecimentos do Parkour (abreviado como Pk) e do Freeruning (abreviado como FR), que desde sua expansão pelo mundo, têm sido alvo da tentativa de transformação destas práticas corporais em Esporte. Neste artigo, abordaremos brevemente sobre a história do Pk, o seu processo de expansão, os conceitos, a tentativa de esportivização, suas determinações e implicações no cotidiano das práticas corporais. Compreendemos, portanto, que as práticas corporais são produtos da prática social humana e de expressão da Cultura Corporal.

Compreendemos que a apropriação desse conhecimento no modo de produção capitalista, compreende força ideológica, política e produtiva, devendo assim, ir na contra-

¹ Mestrando FAGED/LEPEL/UFBA – Bolsista CAPES

² Mestrando FAGED/LEPEL/UFBA

³ Doutoranda FAGED/LEPEL/UFBA

mão de se produzir conhecimento neutro, que serve igual e universal a todos, mas sim de ser a mesma comprometida com os interesses da classe trabalhadora e com a transformação concreta da sociedade.

2. CONHECENDO O PARKOUR E O FREERUNING

Existem muitas versões sobre a história do Pk, mas a versão que aqui abordaremos foi a de Lordello (2011). Esta prática corporal tem sua gênese na década de 1980 em um bairro suburbano chamado Lisses, localizado em Paris, na França. Nos estudos produzidos e nos artigos encontrados na internet, há um grande debate sobre os pioneiros que começaram a experimentar e explorar o espaço urbano – o que mais tarde se desenvolveria com o nome de Pk. Sabemos que muitos fizeram parte desse processo, porém, considerando a grande maioria dos estudiosos e praticantes, existe um consenso de que David Belle e Sébastien Foucan encontraram neste bairro onde moravam, um cenário de exclusão, violência e sem nenhum tipo de apoio as políticas públicas de esporte e lazer. A partir dessas problemáticas encontradas, estes jovens da classe trabalhadora, se veem obrigados a suprir as necessidades de socialização e de se exercitarem. A partir daí, começam sem ao menos saber que a superação destas necessidades faria com que caminhassem juntos a uma nova forma de movimentação, de exercício, a experimentar assim como uma brincadeira. Com relação a isso, o próprio Sébastien Foucan nos relata em seu livro que a intenção primeiramente, era de se divertir junto com os amigos, apenas por lazer:

Minha história começa em Lisses, França, onde, quando crianças, eu e meus amigos simplesmente começamos a seguir nosso desejo natural de correr pular e brincar; encontramos maneiras diferentes de nos locomover pela nossa cidade natal, ao invés de andar nas calçadas como todos faziam. Nós pulávamos em paredes, grades, pequenos postes... Mas, enquanto a maioria das pessoas abandona estas brincadeiras quando chega a idade adulta, nós continuamos (FOUCAN, 2008, p.05).

Claro que nem todos que participavam dessas brincadeiras as abandonaram, alguns continuaram, porém, não serão citados nomes por não haver provas concretas nem consenso entre os praticantes. Apesar disso, sabe-se que muitos fizeram parte dessa construção. No decorrer deste tempo, Belle e Foucan continuavam a se divertir, tanto com os outros jovens, que ao longo do tempo foram se agregando a essa aventura; com a cidade - Paris - neste caso, o bairro suburbano Lisses. Sabe-se também, que David Belle tinha como referência o seu pai Raymond Belle (bombeiro condecorado) e o seu avô materno Gilbert Kitten (Sargento-major aposentado do regime dos bombeiros militares), com quem viveu a maior parte do tempo,

ambos foram bombeiros em Paris, contando em muitas passagens do seu livro e que ainda teve forte influência deste lado altruísta do corpo de bombeiros.

Ao fim da primeira fase do Parkour⁴, podemos constatar que o mesmo é uma prática corporal criada a partir da necessidade humana de interagir e se movimentar, que a partir da superação dessas primeiras necessidades, produz ludicidade, ou seja, produz Cultura. Mas como a cultura não é só produzida, ela também é acumulada historicamente e assim, mediador entre homem e natureza no processo de produção, fruto do trabalho humano, compreendemos que Pk:

[...] é uma manifestação da cultura corporal, que tem como objetivo as várias possibilidades de movimentação ou percursos através de técnicas próprias para superação de obstáculos em meio urbano e/ou natureza - natureza humanizada ou não - que a realidade objetiva apresenta (LORDÉLLO, 2011, p.30).

Sabe-se que o principal responsável pela expansão desta prática corporal pelo mundo foi a mídia de massa, como afirma Dias apud Lordéllo (2011, p.23):

O curioso é que as exibições espetaculares do parkour são um dos principais elementos na popularização dessa prática, inclusive no que diz respeito aos seus ideais de elevação espiritual e filosofia de vida. Incríveis demonstrações de David Belle em vídeos na internet ou em produções de cinema, como o que ele protagoniza em um filme publicitário de canal BBC ou no filme B13 13º Distrito (em que ele interpreta o personagem Leito), são uma das reconhecidas fontes de disseminação do parkour. Depois disso, até James Bond, o imortal agente secreto britânico, deu mostras de ter se interessado pela “arte do deslocamento”, como também é conhecido o parkour. Em 007 e Cassino Royale, Bond valeu-se das técnicas de parkour para perseguir um criminoso, que por acaso, ou nem tanto, é interpretado por Sebastien Foucan.

A gênese do FR se dá durante a gravação do documentário *Jump London* em 2003, com o intuito de divulgar ainda mais o Pk, teve a participação de Sébastien Foucan, Johann Vigroux e Jerome Ben Aoues⁵. Este documentário acabou por refletir a visão de Foucan, que pregava a liberdade de movimentos, que incluía saltos mortais, chutes de lutas ou qualquer outro movimento que impressione o espectador, com o intuito de torná-los mais artístico. Por isso, se distanciou totalmente do objetivo do documentário e do Pk, que se pauta na utilidade do movimento, na realidade. A partir disso, com a sugestão de Guillaume Pelletier – produtor do documentário – que se coloque o nome de *Freerunig* ao invés de utilizar o nome Pk, com o intuito de se tornar mais popular para as pessoas. Quando esse documentário foi lançado, a

⁴ “Considero como primeira fase do Parkour, a fase em que estes jovens se socializavam, se divertiam ao se exercitarem sem ao menos colocarem um nome ao que estavam fazendo. Faziam apenas por lazer” (LORDÉLLO, 2011, p.19).

⁵ Estes dados estão disponíveis em: <www.pulodogato.parkour.com.br>.

diferença se acentuava – do Pk e o FR – e os seus praticantes começaram a tentar explicar essa diferença, como afirma Wainer (2009): “Parkour sendo uma disciplina utilitária que sempre foi, e FR uma mistura livre destes movimentos com quaisquer outros do corpo, sejam eles utilitários, artísticos, ou não”.

Na realidade, o FR é a apropriação capitalista do Pk, com a finalidade de espetacularização e autopromoção dos seus defensores: “Em outras palavras, Freeruning passaria a ser visto como uma mistura espalhafatosa de movimentos acrobáticos e circenses, com a única intenção de impressionar e servir aos interesses da publicidade” (DIAS apud LORDÉLLO, 2011, p.33). Podemos assim dizer, que o FR é o modo mais eficiente que a burguesia - através da mídia - encontrou para espetacularizar e retirar o lucro que o Pk não possibilitou por sua filosofia de se contrapor às apropriações e determinações do Capital. Apesar de não haver competição, o Freeruning tem questões que são antagônicas à prática do Parkour. Abaixo, uma tabela elaborada por (LORDÉLLO, 2011, p.33) que mostra como se estabelece essa contradição:

PARKOUR	FREERUNING
Interesses coletivos	Interesses pessoais
Contrapõe-se aos interesses do capital	Personifica interesses do capital
Contrapõe-se a exibições na internet	Incentiva exibições na internet
Baseia-se em movimentos eficazes e úteis para o próprio desenvolvimento	Baseia-se em movimentos “artísticos” e “acrobáticos”
Contrapõe-se à espetacularização	Usa da espetacularização para se autopromover
Usa roupas que lhes proporcionam liberdade de movimento e de baixo custo financeiro	Usa roupas que estão na moda e de alto custo financeiro
Prática corporal essencialmente cooperativa	Prática corporal essencialmente individualista

Como podemos observar, assim como o projeto histórico socialista e o capitalista, existem interesses diferentes e antagônicos. Entre o Parkour e o Freeruning, existem relações também conflitantes e antagônicas, por confrontarem de um lado com as múltiplas necessidades humanas e de outro com as necessidades de reprodução do Capital.

3. O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO

Durante a difusão do Pk no mundo através da mídia de massa (principalmente internet), surge na televisão programas que utilizam o Pk, mas dessa vez em forma de competição (o *MTV Parkour Challenge*). A partir disso, acontece na internet um fervoroso debate sobre essa atitude e a resposta para essa indignação vem através do manifesto: “*Pro Parkour Against Competition*” (À Favor do Parkour, Contra Competição) contra competições utilizando o Pk, que rapidamente foi difundido e ganhou adesão mundial. Nele, se diz categoricamente: “Competição não é inevitável – é apenas mais um obstáculo! Apóie o Pk original e mantenha a nossa disciplina livre!” (GERMAIN & CORRE, 2007).

Porém, mesmo depois do manifesto ter sido criado e difundido no mundo, continuam surgindo campeonatos: na China como o *Barclaycard World Freerun Championship*, nos Estados Unidos o *Fastbreak Parcouring World Championship* e o da empresa de energético *Red Bull* (RB), que utilizam tanto o Pk quanto o FR em forma de competição. Mesmo os praticantes de Pk, se contrapondo às utilizações desta prática corporal em forma de competição, esses eventos veiculam que estão patrocinando um evento de “Parkour/Freeruning”. Ora, tanto o Pk como o FR são práticas corporais que prezam a “não competição”; mas eis que a explicação desse acontecimento, a esportivização⁶, está na própria gênese do Pk e do FR.

O Pk teve como principal colaborador de sua difusão pelo mundo a mídia de massa, através das performances de extrema agilidade de seus praticantes, ou seja, o espetáculo feito em lugares inusitados e comuns a todos como praças, parques, prédios, construções, etc, ganhou o mundo, principalmente pelos vários vídeos postados na internet e filmes que utilizaram esta prática corporal nas cenas de ação dos filmes. O FR foi criado a partir de uma apropriação do Pk, através de uma estratégia de marketing de Guillaume Pelletier⁷, com o apoio total de Sébastien Foucan. O FR, que também foi difundido pelo mundo através da mídia de massa, também tem o “poder” de impactar e impressionar as pessoas, porém não tem a mesma popularidade que o Pk, por isso os “marketeiros” colocam que esses programas são competições de “Parkour/Freeruning” e não de Pk ou de FR. Percebe-se claramente neste

⁶ O fenômeno da esportivização se caracteriza a partir do momento em que os valores e características próprias do Esporte passam a influenciar organicamente os outros conteúdos da Cultura Corporal. Por conta disto temos, por exemplo, competições das mais diversas modalidades, inclusive daquilo que não “nasceu” para estes fins; como no nosso exemplo, o Parkour.

⁷ O produtor do documentário *Jump London*, em 2003.

exemplo o apetite voraz da burguesia em apropriar-se da Cultura Corporal, colocando as estratégias do marketing a favor dos seus interesses e com um único propósito, a extração de lucro, principalmente por ter esse “poder” de impactar e de impressionar as pessoas através da mídia de massa, utilizando neste caso, o Pk e o FR como chamariz.

Como já citamos acima, a empresa de energéticos *Red Bull* vem fazendo grandes investimentos, classificando-os como Esportes, Eventos e Música & Cultura, tendo um interesse também no Pk (classificado como Esporte Radical); esta prática corporal traz elementos importantíssimos para tal, que além da característica de impressionar as pessoas, é capaz de passar uma sensação de liberdade e, principalmente, de vitalidade. Esse misto de sensações transmitidas ao público que assiste a prática do Pk, tanto nas ruas como nas competições feitas por esta referida empresa, vai servir muito bem para associar a prática do Pk com sua marca, principalmente por causa do seu slogan: “*Red Bull* te dá asas!”. Percebemos com este exemplo assim, a quem serve esta iniciativa de esportivizar a tanto a prática do Pk como a prática do FR atualmente.

Na tentativa de fortalecer e tornar a esportivização do PK algo comum às pessoas, a RB além de promover as competições, também patrocina o seu próprio atleta:

O inglês Ryan Doyle, de 23 anos, é um dos mais renomados freerunners do mundo. Praticante há 12 anos, Ryan começou na modalidade a partir das artes marciais. Participa do arte do Movimento desde a sua primeira edição, em 2007, em Viena, Áustria (RED..., 2011).

Mas não basta apenas promover eventos, é preciso também patrocinar atletas com o intuito de consolidar essa ideologia. Esse consenso forjado começa a tomar força e o pensamento tanto dos praticantes quanto da sociedade, como se este fosse uma coisa positiva e natural para a prática. No Brasil, a versão da competição de Pk feita pela RB foi chamada de: “Primeira edição latino-americana do principal evento de FR e Parkour do mundo”, que foi vencida nada mais nada menos que o seu próprio atleta, Ryan Doyle.

Não queremos aqui dizer que esportivizar o Pk seja algo bom ou ruim, mas de entender o porquê da necessidade e a quem serve essa transformação. Tomemos como um primeiro exemplo a prática do Pk como acontece “livremente” nas ruas, nos parques, nas praças, etc, neste caso, temos como principal característica a *ludicidade*, sobrepondo o caráter competitivo imposto ideologicamente, é por isso, praticar com o outro; já em um segundo exemplo, a prática do Pk esportivizada, suscita a *competitividade* e se mostra hiper-valorizada em relação a dimensão lúdica, é praticar contra o outro. Sem querer negar que o Esporte pode

ter um caráter lúdico, mas temos que lembrar que o mesmo tem como objetivo o resultado final, que é o de vencer (a sobrepujança).

O Esporte só pode ser compreendido de forma crítica, quando levantamos seus elementos centrais: “as da sobrepujança e das comparações objetivas” (KUNZ, 2006, p.22)⁸. Como elementos secundários ou consequência dos elementos centrais: o individualismo, o record, o doping, a alienação, o treinamento exagerado, a mercadorização, o máximo rendimento (e não o possível), o tecnicismo, etc. Como mostramos desde o começo deste tópico, a tentativa de esportivização do Pk e do FR traz em sua essência a necessidade de institucionalizar a prática, favorecendo a função comparativa do movimento, onde todo o esforço dos praticantes são direcionados ao objetivo de sobrepujar, de vencer a competição, não sendo estes os objetivos da prática tanto do Pk como do FR. Fiquemos atentos que, mesmo que de forma indireta, estes são os mesmos valores que são propagados pela sociedade Capitalista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bens culturais socialmente e historicamente construídos e acumulados, como os Jogos, o Esporte e entre outros, ou seja, a Cultura Corporal e mais especificamente o Pk e o FR, não estão alheias as relações de produção, que no nosso caso, ao Sistema Capitalista de produção da vida humana. A partir da contradição, que é a categoria chave para compreensão da realidade no atual contexto de desenvolvimento da vida humana, que em nosso estudo sobre a tentativa de esportivização do Pk e do FR, se fez necessário e nos deu respostas sobre como se dá e a quem serve, este direcionamento - simplificando essa prática corporal como simples objeto que agrega valor.

Compreendemos como necessária, a superação desta lógica imposta pelo capital que tem no lucro, no individualismo e na competição, os seus fundamentos e que se expressa na esportivização das práticas corporais pela concorrência, pela produtividade, pelo alto rendimento e principalmente pela competição exacerbada. São estes, os valores necessários para manutenção do *status quo*, pela defesa da naturalização, imutabilidade da forma de se organizar a vida, tendo a propriedade privada como elemento central e a exploração dos seres humanos entre si. Se faz necessário acabar com a lógica mercadológica que se apropria da

⁸ Estes elementos são passíveis de identificação nos dados apresentados acima.

Cultura Corporal, com o intuito de ampliar o acesso a quem realmente pertence estes bens culturais, a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. I. de; CUNHA, F. J. de P. **Esportes Urbanos em João Pessoa/PB**. Paraíba: Grupo LEPEL/PB: PRAC/PROBEX, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PARKOUR – ABPK. 2010. **Informações sobre organização do Parkour no Brasil**. Disponível em: <www.abpk.org.br>. Acesso em 16 jul. 2012.

BELLE, D. **Parkour**. Tradução Grupo PKMAX. Impresso na Espanha: Ed. Entrevista, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAN, S. **Freerunning: find your way**. Tradução Marcos Saito de Paula. 2008. Disponível em: <www.pulodogato.parkour.com.br>. Acesso em 16 jul. 2012.

GERMAIN, D.; CORRE, E. Le. **A favor do parkour, contra competição!** Tradução Eduardo Rocha. 2010. Disponível em: <www.pulodogato.parkour.com.br>. Acesso em 16 jul. 2012.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LORDÉLLO, A. F. **Abordagem Histórico-Crítica do Parkour, seu processo de expansão e realidade na cidade de Salvador/BA**. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer) – Faculdade de Educação, Departamento de Educação Física, Salvador, 2011.

RED Bull. **Arte do Movimento: conheça Ryan Doyle**. São Paulo, 12 ago. 2011. Disponível em: <http://www.redbull.com.br/cs/Satellite/pt_BR/Article/Red-Bull-Arte-do-Movimento---conhe%3%A7a-Ryan-Doyle-021243067291784>. Acesso em: 16 jul. 2012.

ROCHA, E.; WAINER, J. **Pulo do gato: informações sobre a história e notícias do Parkour no mundo**. Disponível em: <www.pulodogato.parkour.com.br>. Acesso em 25 de jul. 2012.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. **A cultura corporal e os dualismos necessários para a ordem do capital**. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/>. Acesso em: 17 de jul. 2012.

WAINER, J. **Freerunning não existe!** Informações sobre o freerunning. 25 abr. 2009. Disponível em: <<http://blog.parkour.com.br/2009/04/freerunning-nao-existe/>>. Acesso em 16 jul. 2012.